



UMA REFLEXÃO SOBRE O IMPACTO E IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO ARQUEOLOGIA, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRIA INDÍGENA EM PELOTAS

JULIANE DE OLIVEIRA KRÜGER¹; RAFAEL GUEDES MILHEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – jukruger_@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – milheirarafael@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Arqueologia, Educação Patrimonial e História indígena em Pelotas tem como objetivo proporcionar diálogos referentes a história indígena, através de escolas públicas e privadas e público em geral. O resumo aqui apresentado visa refletir sobre as ações educativas proporcionadas pelo projeto, buscando discorrer sobre o que é educação patrimonial, apresentar o projeto e elaborar entrevistas com alunos e pessoas que participaram do projeto.

2. METODOLOGIA

Visando buscar refletir sobre o projeto na vida dos discentes estão sendo realizadas entrevistas pela plataforma Zoom. Foi realizada, até o momento, uma entrevista com a aluna Caroline Pires, do curso de Bacharelado em Antropologia e que participou como bolsista deste projeto. As entrevistas irão possibilitar que haja um levantamento sobre a importância do projeto e apresentar uma discussão sobre as atividades de maneira crítica, aprofundando sobre formas de buscar uma relação contínua com a comunidade.

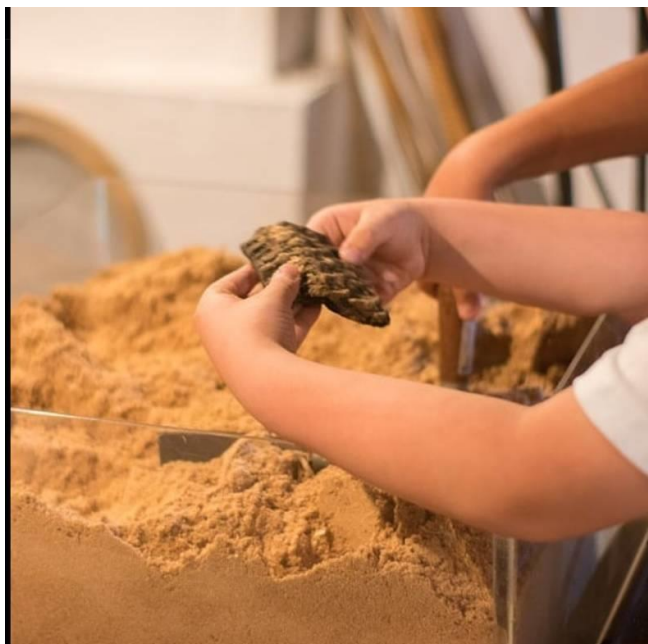
O projeto conta com visitas guiadas, exposições, palestras e escavação simulada para que haja uma estimulação sobre o conhecimento a ser disseminado a partir dessas atividades. Refletindo a parte teórica a partir do art 216 da constituição federal, e o que é educação patrimonial (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999) em que é necessário o conhecimento para que assim o patrimônio seja preservado e também valorizado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde 2011 o projeto Arqueologia, Educação Patrimonial e História Indígena em Pelotas ligado ao Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia, vem sendo realizado e desta forma produzindo o debate entre a comunidade acadêmica e escolas públicas e privadas, como também em outros ambientes, proporcionando uma troca de conhecimentos e possibilitando uma visibilidade para pensar as narrativas de Pelotas a partir do passado e presente das populações indígenas do sul, prezando principalmente que haja uma interação com o objeto a partir de uma arqueologia sensorial, seguindo o pensamento de Pellini:

Entre nós humanos, não há nada mais básico do que nossa relação sensorial com as materialidades do mundo. Os sentidos representam o domínio mais fundamental de nosso engajamento com o mundo, o meio pelo qual todos os valores e práticas são performados. Mesmo nossas memórias são criadas e ativadas através de nossa relação sensorial encorpada com o mundo material. Se vivenciamos o mundo através dos sentidos, precisamos entender como pensamos

e estruturamos os sentidos, para assim entendermos como vivenciamos o mundo à nossa volta. (PELLINI, 2015)



Fonte: Gabriel Oliveira. Foto registrada no Dia do Patrimônio, 2019. O participante da ação está segurando uma Cerâmica Guaraní Corrugada, pós fazer uma escavação simulada.

Buscando compreender como o projeto influenciou na vida acadêmica e pessoal dos discentes foram elaboradas entrevistas, não ficando preso em um roteiro a ser seguido mas abrindo margem para que estes alunos e ex alunos pudessem expor o que considerassem relevante. Uma das entrevistas, **Caroline Pires**, discente do curso de Bacharelado em Antropologia com linha de formação em Arqueologia, quando questionada sobre como o projeto a influenciou, relata:

(...) mesmo com a minha depressão mais horrível eu saía e era como se o sol tivesse brilhando sabe (...) e aí, meu deus e falar sobre um assunto que eu amo pra caramba que é arqueologia, fazer esse diálogo com as crianças que eu adoro, que elas são as mais empolgadas(...) e experiências emocionantes do tipo, essa exposição que eu fiz em Canoas antes da palestra, teve uma pessoa com problema visual, e aí ela tinha baixa visão, e aí ela tocava os objetos e sentia e me dizia o que era, foram momentos assim que eu não vou esquecer nunca na vida.

Ao questionar está mesma aluna sobre o que poderia ser melhorado e o que sentia falta nas ações educativas, relatou:

(...) Verba né, principal. Uma das coisas que eu fiz quando eu estava na educação patrimonial, eu fiz uns joguinhos (...), eu fiz uns almanaques arqueológicos muito amadores (...), mas justamente porque não tinha verba e o almanaque eu que fiz mesmo todinho e (...) com a maior boa vontade.

Quando em contato com o objeto os participantes criam memórias. Diversas vezes após olharem para a mesa com artefatos indígenas, as pessoas

perguntavam se poderiam tocar, a ideia do antigo como algo que precisa estar guardado em um museu apenas para que seja admirado como parte da nossa história é muito presente na vida da comunidade, mas ao tocar o artefato cria-se uma memória, ao sentir a textura, tamanho, facilitando uma aproximação com a história, com o objeto, não apenas estar vendo, mas estar tendo engajamento com o material. A importância de apresentar essa história de longa duração e criar memórias com estes artefatos é o diferencial da ação educativa proposta pelo projeto, a partir das vivências e compartilhamentos, juntos poderemos criar uma aproximação com esta história de longa duração das populações indígenas, com a comunidade e com os discentes e docentes da universidade.



Fonte: Juliane Krüger. Foto registrada no IV SABER AMBIENTAL NO MERCADO, 2019. Uma das participantes da ação está segurando um Cachimbo Guarani.

4. CONCLUSÕES

Embora o trabalho não esteja finalizado podemos concluir que o projeto possui um grande impacto na disseminação do conhecimento sobre a história indígena de longa duração no sul. O mesmo possibilita que haja troca de conhecimentos entre todos os públicos, sendo estes crianças, adultos e idosos, incentivando que estas pessoas tomem conhecimentos sobre a história indígena. Para os discentes que fazem parte na articulação da realização das ações educativas o projeto também possui grande impacto, mostrando a importância de uma educação acadêmica que chegue para as comunidades, pois a partir da extensão percebemos que para cada faixa etária precisamos de uma abordagem que cause interesse. Logo (SCIFONI, 2019) é preciso refletir de maneira crítica sobre os patrimônios materiais e também imateriais, sempre buscando a demanda vinda da comunidade e as diversas narrativas que muitas vezes tendem



a ser silenciadas, (IPHAN, 2014) pensando a memória e o esquecimento, apagamento das narrativas dessas minorias como produtos sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HORTA, M.L.P.; GRUMBERG, E.; MONTEIRO, A.Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

SCIFONI, Simoni. **Conhecer para preservar: Uma ideia fora do tempo**. Rev. CPC, São Paulo, n.27 especial, p.14-31, jan./jul. 2019

BRASIL. **Constituição**. República Federativa do Brasil de 1988. Da Ordem Social : Seção II da Cultura . Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp . Acesso em: 2 Ago. 2020.

IPHAN (Brasil). **Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos**. Texto: Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília, DF, 2014

PELLINI, J; **Arqueologia com Sentidos. Uma Introdução à Arqueologia Sensorial**. Rev. Arqueologia publica, Campinas SP, p. 1-15, 2015.